

Um certo camarada Sirkis

Helenice Maria Reis Rocha

Pensando na escrita de guerrilheiros memorialistas como uma forma pragmática de exercitar o ofício de escrever, detenho-me, neste estudo, no livro *Os Carbonários*, de Alfredo Sirkis, baseada na seguinte reflexão: a linguagem, pensada como ficção, ou como experiência descolada da práxis, pode fundir posições, mesmo que a realidade demonstre que estas posições não se confundem, numa situação que autores como, Bhabha, Canclini, Hall, chamam às vezes, de hibridismo cultural, retradução, identidades fragmentárias e outras coisas mais. O livro *Os Carbonários* trata da memória da guerrilha dos anos setenta e em especial, da explicitação das razões que levaram ao seqüestro do embaixador von holleben, visando negociar a libertação de pessoas que estavam sendo torturadas pela ditadura militar. Chamaram-me a atenção duas coisas: o conflito do embaixador com o procedimento da tortura, conflito esse que mostra uma identidade fragmentada sendo ele embaixador de um país que exportou técnica de tortura na década de setenta.

Segundo Stuart Hall, “o sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas”. (HALL, 1997, p. 13).

Chamou-me também a atenção a ironia de Alfredo Sirkis com relação aos estereótipos do mundo colonial com relação aos povos colonizados, como por exemplo os que dizem respeito às afirmações sobre a boçalidade do homem negro, ou, a selvageria dos índios. Estes estereótipos são denunciados no Livro do Homi K. Bhabha, *O local da cultura* e toda a ironia que perpassa a reflexão de Sirkis permitiu-me colocá-lo pari passu com o pensamento desses teóricos. Temos que pensar também no caráter pragmático da escrita de um guerrilheiro no sentido mesmo da palavra pragma (do grego, ação), ou seja, uma escrita marcada pela ação e conseqüente dela. Como toda ação é exercida em torno de uma posição (política, ideológica, histórica ...) podemos pensar no sujeito dessa escrita como um analisador de discurso. É o que Sirkis faz na sua escrita, com relação à ditadura militar. O seu lugar de enunciação, tanto quando o do embaixador, é o de um sujeito em risco, tendo como travessia a linha fina de um trapézio chamada negociação.

Vejamos o diálogo de Sirkis com o embaixador:

Garantiu que na Alemanha a imprensa era mais imparcial. Correndo os olhos pelas fotos se interessou pela do Minc, por causa da juventude e da aparência centro-

européia. Tinha o cabelo raspado à reco, o que o fazia mais novo. Is he of German origin?

Ri da mancada e respondi sarcástico:

You re just taken the grandson of a Polish jew, for pure German! That proves Hitler was wrong, all the way. Ele deu uma risadinha amarela, polida. Depois abrindo as mãos para dar uma maior ênfase disse: Of course he was wrong. He and his mad nationalism. That s why I am so much against all forms of nationalism. Oh, come on [...] You can t mix up two completely different forms of nationalism. The world has changed. World s economy is now totally internationalized. Even the comunist countries the capitalistic world market. All forms of nationalism are being abolished in modern world. (SYRKIS, 1980, p. 191).

O não dito do discurso do embaixador é que todas as formas de internacionalização da economia só prejudicaram os países pobres. Interessantíssima a ironia de Syrkis diante da confusão estabelecida entre a aparência de Minc (um puro alemão) e a realidade (neto de um judeu polonês).

A denúncia desse novo estereótipo (todo louro alto é raça pura) é fascinante. Quando estabelece uma distinção entre o nacionalismo da direita expressado pelo nazi-fascismo na segunda guerra mundial e o nacionalismo da esquerda brasileira, fica bem clara a demarcação dos lugares de enunciação de cada um. Mas a explicitação de diferenças é a base para a configuração de um diálogo de negociação. É sobre a consciência de diferenças que se introduz a necessidade da negociação. O que há de híbrido neste diálogo é um não-dito que reafirma a condenação a um nacionalismo de extrema direita.

Segundo Bhabha, “No discurso colonial, esse espaço do outro está sempre ocupado por uma idéé fixe: déspota, pagão, bárbaro, caos, violência” (BHABHA, 1998, p. 149).

Como todos nós sabemos, o contexto da guerra fria trouxe no seu bojo a oposição entre a noção de mundo livre e mundo marcado pela não existência da liberdade. Na minha infância eu ouvi frases como: a família, o terço e a pátria venceram o comunismo internacional.

A demonização da esquerda foi algo que eu percebi na minha infância, já com um certo deboche. Todavia Norberto Bobbio muito sabiamente nos informa, na sua teoria política, que o socialismo real não foi democrático e que a democracia formal não é democracia econômica. A autocrítica que os autores desse percurso fazem já é conhecida. O que eu quero resgatar é a beleza dessa ação, que salvou vidas e que, na sua expressão verbal, é profundamente fraterna.

Vejam os mais alguns aspectos deste diálogo e desta ação:

Levei o diplomata para o quarto contíguo. Ele sentou na cama, tirou o paletó, pareceu mais tranqüilo. Um encapuçado bem educado, falando inglês, devia ser algo

bizarro, mas reconfortante naquelas circunstâncias. Era como o Dr. Levingston descobrindo que os canibais em volta do caldeirão falavam língua de cristão. (SYRKIS, 1980, p. 175).

Esta ironia demonstra uma leitura clara do lugar estereotipado destinado aos países colonizados. O que estou tentando demonstrar é a sobrevivência desses estereótipos, mesmo no mundo pós-colonial.

Na experiência à qual me refiro, acontece um deslocamento, no mínimo hilário, do lugar do poder. Ainda usando Bhabha, vou expressar o desejo que embasou este ensaio: “Quero voltar-me para esse processo pelo qual o olhar de vigilância retorna como o olhar deslocador do disciplinado, em que o observador se torna o observado e a representação parcial rearticula toda a noção de identidade e a aliena da sua essência” (BHABHA, 1998, p. 134), ou seja, a identidade hegemônica, vigiadora e opressora dos Estados Unidos sobre o Brasil, quer sob a forma do jugo sobre um povo pela forma de dominação própria das relações estabelecidas pelo mundo capitalista, quer sob a forma prática dessa dominação (exportação de técnicas de tortura, por exemplo), neste momento, passa de vigiadora a vigiada e é alienada da sua essência (lugar de dominação), considerando a Alemanha Ocidental também representante deste poder hegemônico.

Vejamos mais alguns aspectos do referido diálogo:

I m shure my governement will act as necessary. As for the Brazilian authorithies I hope they will do as in the Elbrick affair. That s what we expect also. Look, we don t like this kind of method but it s the only way to save our political prisoner s ... you know very well they are suffering all kinds of tortures and some of them are going to be murdered. I t s the only way to save them [...]. I don t approve torture! I re wrote repports to my goverment about human rights in your contry. I re even discussed the matter informaly with your foreign minister Gibson. He admitted there had been some hard treatments but as isolated cases [...].Thats a lie. Torture is a institution in our country, not a isolated case. Do you want to see some letters written by political prisoners? No I would like do go to the bathroom. (SYRKIS, 1980, p. 175-76).

A fala do embaixador deixa clara a fragmentação de sua identidade como proposta hegemônica (tida por alguns como verdade) tanto quanto a fala de Syrkis desloca o lugar dessa verdade.

Segundo Canclini:

Ao situar as ações populares no conjunto da formação social, os reprodutivistas entendem a cultura subalterna como resultado da distribuição desigual dos bens econômicos e culturais. Os gramscianos, menos fatalistas, relativizam essa dependência porque reconhecem certa iniciativa e poder de resistência por parte das

classes populares, mas sempre dentro da interação contraditória com grupos hegemônicos. (CANCLINI, 1997, p. 252).

Bem, retomando Gramsci, considero essa ação, uma ação popular que teve o poder de salvar vidas heróicas, mas não mudou a base de interação com os grupos hegemônicos. Retomando a questão da análise do discurso da direita neste contexto, retomo Canclini quando ele escreve:

As últimas ditaduras latino-americanas acompanharam a restauração da ordem social intensificando a celebração dos acontecimentos símbolos que os representam: a comemoração do passado legítimo, daquele que corresponde à essência nacional, à moral, à religião e à família, passa a ser a atividade cultural preponderante. (CANCLINI, 1997, p. 167).

Isto explica as minhas memórias de criança quanto ao discurso Deus, pátria e família. Retomo Bhabha numa passagem importantíssima:

Quando falo de negociação em lugar de negação, quero transmitir uma temporalidade que torna possível conceder a articulação de elementos antagônicos ou contraditórios: uma dialética sem a emergência de uma Histórica Teleológica ou Transcendente, situada além da forma prescritiva da leitura sintomática, em que os tiques nervosos à superfície da ideologia revelam a contradição materialista real que a história encarna. (BHABHA, 1994, p. 51).

Ou seja, a negação, a negação da negação, a síntese, um modelo de história, representam uma metafísica da práxis que essa ação recusou.

Quero colocar a fala de Syrakis no lugar de enunciação de um analista do discurso, na medida em que, pela ironia, flagrou a diferença entre posição pessoal e práxis, deixando implícito o lugar de enunciação de ambos. O discurso, entre a vida e a morte, é apenas linguagem. No caso, linguagem pragmática que resultou em vida.

Detenho-me na fenda que se pode perceber na identidade do Syrakis quando ele expressa a sua desaprovação ao método usado naquela ação.

Essa fenda (que se observa em ambos os atores desse diálogo Syrakis, Von Holleben) cria um impasse que os coloca em processo, para além de uma visão teleológica da história.

Vejamos o que nos diz Bhabha:

O processo enunciativo introduz uma quebra no presente performativo da identificação cultural, uma quebra entre a exigência culturalista tradicional de um modelo, uma tradição, uma comunidade, um sistema estável de referência, e a negação necessária da certeza, na articulação de novas exigências, significados e estratégias culturais no presente político como prática de dominação ou resistência. A luta se dá freqüentemente entre o tempo e a narrativa historicista, teleológicos ou míticos, do tradicionalismo de direita ou de esquerda e o tempo deslizante,

estrategicamente deslocado, da articulação de uma política de negociação, [...] (BHABHA, 1998, p. 64).

Para explicitar os meus procedimentos nesta escrita, o que me interessa, neste trabalho é examinar o sentido desta narrativa à luz das teorias contemporâneas (antropológica e literária) mais conhecidas. Desejo enfatizar o caráter pragmático da escrita do narrador (Syrkis), uma vez que essa ação é embasada por um sentido (político, histórico) e, portanto, trata-se também de um trabalho de análise do discurso.

Vejamos o que nos diz Alex Polari:

Nossa geração teve pouco tempo começou pelo fim mas foi bela nossa procura Ah! Moça, como foi bela a nossa procura mesmo com tanto ilusão perdida quebrada, mesmo com tanto caco de sonho onde até hoje a gente se corta (POLARI In SYRKIS, 1980, p. 58).

Bem, colocada a questão desse deslizamento dos lugares do poder, da história e da ideologia, observado através da fenda na identidade dos dois protagonistas dos discursos em questão, vejamos alguma coisa sobre o lugar de enunciação dos dois, partindo do próprio discurso. Syrkis, homem de ascendência Judaica, o que fica no lugar do não dito do discurso, uma vez que isto não é explicitado.

Vejamos o que nos diz Júlia Kristeva:

A aliança com Deus faz do povo Judeu um povo eleito (particularmente desde Jacó e a saída do Egito) e, se ela constitui o fundamento de um nacionalismo sacro, nem por isso deixa de abrigar, na sua própria essência, uma inscrição originária da condição de estrangeiro. Numerosas são as passagens da Bíblia que afirmam a eleição do povo Judeu, excluindo os outros: Estabelecerei a minha aliança contigo, diz Javé a Abraão, e com a tua raça depois de ti, de geração em geração, para uma aliança eterna, a fim de que eu me torne Deus para ti e para tua raça depois de ti (KRISTEVA, 1988, p. 70). Continuando: Os que se opõem a essa aliança ou que não fazem parte de lá serão violentamente rejeitados: Assim falou o Senhor dos exércitos vou punir a cidade de Amalec pelo que fez contra Israel, atacando seu povo na estrada, quando saía do Egito. Vai agora, e destrói Amalec e condena ao anátema tudo o que lhe pertence: não tenha piedade: matará homens e mulheres, crianças e recém-nascidos, bois e carneiros, camelos e asnos, (Neemias, X, 31) (KRISTEVA, 1988, p. 70) [...] continuando [...] O mestiço não entrará na assembléia de Javé, mesmo na décima geração. (KRISTEVA, 1988, p. 70-71).

O que é o estrangeiro, portanto, para o homem Judeu? O homem amaldiçoado pela eleição. Perpassa, portanto, o lugar de enunciação desse homem, e arquétipo de anjo vingador em defesa de uma escolha divina eletiva. Mas, a mesma Júlia Kristeva nos diz: “Vários textos afirmam (ainda mais nitidamente) a consideração em relação aos próprios estrangeiros: “Não

ofenderá o estrangeiro (o hóspede), nem o oprimirás, pois fostes estrangeiro nas terras do Egito” (ÊXODO, XXI I , 21) (KRISTEVA, 1988, p. 72).

Em resumo, a lei mosaica, desde que seja obedecida, inclui o outro, o que significa uma reincidência no mesmo, já que esse outro tem que abrir mão da própria identidade em nome dessa Lei. Isto talvez seja implícito na imanência discursiva ao arquétipo de anjo vingador em um guerrilheiro de ascendência Judaica, principalmente depois de Hitler, que em nome de uma mesma idéia de eleição, exterminou Judeus, negros, homossexuais, comunistas [...] quase toda a humanidade, enfim. Vejamos agora, o lugar de enunciação do embaixador advindo de um país conivente com a tortura e com uma nação, que através da Guerra Fria, estabeleceu a confrontação entre mundo livre (mercado de capitais) e mundo sem liberdades democráticas (mundo socialista). Criando uma divisão maniqueísta de noções de bem e de mal, na qual, os Estados Unidos figuravam como a nação libertadora da violência terrorista, da desordem e da opressão política.

À sombra disso prosperavam as sinistras ditaduras latino-americanas das décadas de sessenta e setenta. Na medida em que projetaram uma fenda na hegemonia desses discursos, os dois protagonistas colocaram em risco a perigosa hegemonia narcísica dos mesmos e se colocaram, não na posição de estrangeiros, um para o outro, mas, sim, na posição de estrangeiros para si mesmos.

Voltemos à Júlia Kristeva:

Estrangeiro: raiva estrangulada no fundo de minha garganta, anjo negro turvando a transparência, traço opaco, insondável. Símbolo do ódio e do outro, o estrangeiro não é nem a vítima romântica de nossa preguiça habitual, nem o intruso responsável por todos os males da cidade. Nem a revelação a caminho, nem o adversário imediato a ser eliminado para pacificar o grupo. Estranhamente, o estrangeiro que habita em nós: ele é a face oculta da nossa identidade, o espaço que arruína a nossa morada, o tempo em que se afundam o entendimento e a simpatia. Por reconhecê-lo em nós, poupamo-nos de ter que detestá-lo em si mesmo. Sintoma que torna o nós precisamente problemático, talvez impossível, o estrangeiro começa quando surge a consciência de minha diferença e termina quando nos reconhecemos todos estrangeiros, rebeldes aos vínculos e as comunidades. (KRISTEVA, 1988, p. 1).

A inscrição dos protagonistas do supra citado intercâmbio discurso nesta outra margem do rio, neste terceiro espaço, para além dos seus lugares históricos, políticos e culturais, configurou o triunfo de toda a ação, inscrevendo esta geração num lugar que se categoriza, como diria o Caetano Veloso, por outras palavras.

Mencionei também, o fato de a escrita de Syrakis poder ser considerada uma obra de Análise do Discurso. Como sabemos, os estudiosos da Análise do Discurso, protagonizam uma pesquisa que privilegia o caráter pragmático da linguagem, ou seja, o valor da sua

eficiência num determinado contexto, seja político, histórico ou cultural. Todo analista do discurso opera num espaço para além da superfície da linguagem, chamado de implícito pelos pesquisadores consagrados, o não-dito ou (como quer a Eni Orlandi) o já dito do mesmo discurso.

Para que se proceda a essa ação (Análise do Discurso) é necessário um conhecimento prévio da realidade subjacente à esse discurso, coisa que no caso do autor em questão é óbvia, uma vez que a sua ação se inscreve na clandestinidade, ou seja, no lugar do não-dito da realidade brasileira das décadas de sessenta e setenta. Portanto, através do recurso da ironia, o autor vai, brilhantemente nos mostrando o lado obscuro das falas da ditadura militar, sintetizando com muita eficiência essas palavras de ordem da extrema direita militar.

Vejamos algumas passagens:

Símbolo máximo da sua produção ufanista: o slogan BRASIL AME-O OU DEIXE-O. Também a frase histórica do primeiro dignatário no gol da vitória NINGUÉM SEGURA ESTE PAÍS. O Brasil já era, enfim, o país do presente. Se desenvolvia num frenesi do PIB a 10% ao ano e isso garantia o seu destino de grande potência e a vida melhor prá todo mundo. Ninguém segura. O que ninguém segurava, na realidade, era a entrada massiva de capital estrangeiro que fazia crescer, a índices nunca vistos, a produção de bens de consumo modernos e duráveis para a classe rica e média, que criava um sistema de crédito ao consumidor e assim um mercado de elite em franca expansão. A repercussão sísmica da idéia tem gente aí ganhando dinheiro, porque não eu? desceu até a baixa classe média e setores grandes do povão. (SYRKIS, 1981, p. 207). Aí está explicitado o dito e o não-dito do discurso em questão. O dito explicitado no discurso da direita, o não-dito deste discurso percebido na atitude popular. Continuando. A euforia do Tri era canalizada para cantar o advento do crescimento econômico. NINGUÉM SEGURA ESTE PAÍS e BRASIL AME-O OU DEIXE-O pretendiam encarnar este estado de espírito de feroz individualismo, esta busca frenética de como subir sendo mais vivo que os outros. Uma ode ao cinismo e à vigarice, impregnada dum patriotismo boca-prá-fora. Na verdade, o slogan cheio de empáfia que incitava o povo, incomodado a se mudar da pátria, o slogan percursos do exílio, era a tradução pura e simples de AMÉRICA LOVE IT OR LEAVE, vindo dos pábrabras dos automóveis dos seguidores de Nixon e Spirou Agneu, os fodões lá da metrópole. (SYRKIS, 1981, p. 208).

A palavra ilusão, metáfora do não-dito deste discurso, nos remete à idéia de uma imagem simulada de nós mesmos. Como representantes de uma imagem simulada nos aproximamos do simulacro, representação eficiente dessa quebra do narcisismo especular que o discurso narcisista da hegemonia da direita impunha. Reféns dessa ilusão, o não-dito desse discurso explicitado nesta escrita, nos mostra o artifício de uma condenação de um povo a uma outridade, a uma estrangeiridade, parecida com os pares gregos-bárbaros, suplicantes e metecos, povo eleitoestrangeiros, cristão-infiel, e tantas outras abominações que a história humana engendra para se perpetuar.

Voltemos novamente à Júlia Kristeva: “Quem é estrangeiro? Aquele que não faz parte do grupo, aquele que não é dele, o outro” (KRISTEVA, 1994, p. 100).

A classe empresarial e militar que se locupletava com o capital estrangeiro (vide Golberi e CACEX), determinava o lugar desse outro, no caso, o povão, como fica evidenciado na escrita de Syrakis. Novamente estrangeiros para nós mesmos, reféns de uma ilusão, supra determinados pela miragem de uma vida melhor, morríamos nas filas dos hospitais, nas filas dos bancos, nas salas de tortura por sermos esse outro que o poder hegemônico queria iludir. Estudantes aterrorizados pelo fantasma do 177, universidades cercadas por tropas de choque, notícias tenebrosas nas paredes de nossas salas de aula e a mesma pergunta em todas as nossas cabeças: o que estamos fazendo aqui enquanto pessoas estão sumindo, enquanto a nossa escrita tem que ser metafórica para enganar o poder, enquanto o amigo ao lado pode ser a nossa sentença. Vejamos mais alguns passos da escrita de Syrakis:

Aquilo era uma diabólica arma de guerra psicológica, pois tinha um poder desmoralizante intenso, além de dar verossimilhança às mentiras veiculadas a nosso respeito. Ironias da história: era um método made in URS\$, inspirado nas confissões públicas dos processos de Moscou. Um invento do stalinismo, perfeitamente assimilado pelo Gulag patrop. O programa terminou e fiquei no bar, ouvindo os comentários: Sujeitinho esquisito. Cara de peixe morto. Será que os terroristas é tudo com essa cara? Que nada, ô meu. O bicho tava dopadão. Negócio de dizê que se arrependeu é conversa. Levou foi muito cacete. Tu num entende disso, ô cara. Sei lá, não. Esses terroristas aí, só fuzilando mesmo. Tão contra o Brasil. (SYRKIS, 1981, p. 210).

A ironia com relação aos métodos americanos, stalinistas e brasileiros na repressão a essa outridade que a esquerda representava, coloca o discurso de Syrakis num espaço alternativo que se recusa a legitimar qualquer experiência autoritária. Esse outro lugar de onde emerge essa fala nos coloca defronte a um sujeito inapelavelmente terno e amante, delicado e excêntrico, que, lembrando Fernando Pessoa (o que em mim sente está pensando) me leva a me comprometer seriamente como ser da emoção com esta geração.

O não-dito desse ser contra o Brasil é o fato de toda a nossa identidade ter caminhado na linha fina do abismo que separa o direito à vida e o enfrentamento da morte. Uma simples operação de linguagem (Brasil ame-o ou deixe-o e ninguém segura este país), colocou miseráveis contra miseráveis, garantindo a perpetuação de um poder que jamais se colocou a questão da vida e da morte na dura arte da sobrevivência. Aproveitando o ensejo das reflexões abordadas, gostaria de aprofundar a questão da noção de identidade, à luz das afirmações expostas sobre esta questão por Stuart Hall e da Leitura de Júlia Kristeva a respeito do estrangeiro.

Considerando que um sujeito se configura único na sua fricção com o outro, vejamos também o que fica implícito no texto de Syrakis sobre essa questão de identidade.

Na medida em que usa a metáfora de ilusão para expressar o tipo de consciência que o povo brasileiro tinha de si mesmo, podemos dizer que, esse olhar sobre si mesmo, que permite ao indivíduo se perceber como identidade, foi trincado por uma jogo de palavras (Brasil, ame-o ou deixe-o) que não dava margem a nenhum tipo de discordância. Ora, se a identidade se constrói a partir da percepção da diferença, a impossibilidade da discordância criou uma via de identificação especular com o discurso hegemônico que reduziu a representação da identidade do povo brasileiro a uma miragem. Note-se que estou circulando dentro da construção lingüística proposta pelo autor.

Ilusão é a imagem falseada de uma realidade imanente. Termo cunhado a partir do conhecimento prévio de uma realidade que se quer camuflar. Fragmentadas entre as representações do poder e a realidade, algumas pessoas delegaram seu perfil à metafísica do milagre brasileiro, à idéia de fazer crescer o bolo para depois repartir cunhada desde o desenvolvimentismo de Juscelino Kubitschek que privilegiava a idéia de desenvolvimento em lugar da idéia de oferta de trabalho, desenvolvimento esse articulado ao modo de funcionamento de mundo capitalista que coloca as demandas do capital na frente da demanda do trabalho. O nacionalismo de esquerda, muito bem expresso por Caio Prado Júnior, que no seu livro *Formação do Brasil Contemporâneo*, mostra um Brasil que estruturou a sua política econômica na exportação de produtos básicos e na importação desses produtos industrializados, com um valor altíssimo para o mercado interno, pleiteava a não exportação desses produtos e a criação de um mercado interno, nacional, como forma de desenvolvimento auto-sustentado. Reféns de uma potência exploradora, que nos tornava e nos torna reféns de um discurso maniqueísta que nos exclui, é mesmo muito apropriada a metáfora de ilusão, para definir o corpus de referências que esse outro, cuja estrangeiridade hierarquiza valores que não são nossos, nos impõe. Ilusão, coisa sobre a qual não repousa a certeza, construção de um imaginário que pode se voltar contra o sujeito, no dizer de Júlia Kristeva: “[...] Os amigos do estrangeiro, excetuando as boas almas que se sentem obrigadas a fazer o bem, somente poderiam ser aqueles que se sentem estrangeiros de si mesmos” (KRISTEVA, 1994, p. 30).

Um paradoxo que ainda não respondi no âmago da minha profunda perplexidade com relação às nossas vidas é o fato de, esta identidade, construída sobre a ilusão, não ter se esfacelado perante a realidade cruel que é a de todos nós.

Segundo ainda Júlia Kristeva: “Os fundamentalistas são mais fundamentais quando perdem toda ligação material, inventando para si próprios um nós puramente simbólico que, por falta de solo, enraíza-se no rito até atingir a sua essência, que é o sacrifício” (KRISTEVA, 1994, p. 30).

Esse nós simbólico, que se criou entre Estados Unidos e Brasil, engendrado pela má fé dos beneficiados pelos acordos espúreos da época se projetava sobre o povo sob a forma de uma fé fundamentalista na Ordem e no Progresso, engendrada desde o positivismo de Conte, levando todo um povo a morrer feliz, gritando ninguém segura este país. Ser a favor ou contra o Brasil era uma questão de ordem histórica, nascida de uma manipulação eficiente das paixões populares, embasada não se sabe em quê. O que se sabe é muito bem porque e para quê. O finalzinho dessa tragédia, que começa com as articulações de uma direita que percebe a necessidade de uma abertura democrática para a perpetuação dos seus interesses (vide eleição do Sarney), uma vez que é bem provável que a eleição de Tancredo Neves fosse a edição da mesma política neoliberal que vem nos atormentando esses anos todos.

Espero, como profissional da linguagem, ter conseguido demonstrar a força da mesma na configuração de posturas, referências e mesmo na configuração de uma identidade societária. O que o diálogo Syrkis Embaixador demonstra é que, os caminhos da palavra podem até significar a diferença entre vida e morte. No próprio texto do autor fica clara a relação entre a força da linguagem para determinar quem devia viver, quem devia morrer, quem era do grupo, quem era estranho. Eu, que passei a minha infância, ouvindo a esquerda ser colocada no lugar da maldição, no lugar dessa outridade que se atribui ao estrangeiro, cansei de ouvir coisas como demônio comunista, inimigo do Brasil, inimigo público e outras coisas que tais [...].

Fraturada entre o desejo do fruto proibido e o medo da maldição, encontro em Syrkis o consolo de um discurso descentrado de um poder hegemônico (tanto de direita como de esquerda).

Quero lembrar aqui de uma fala feminina também descentrada, excêntrica: nem fada madrasta, nem branca de neve. Perguntado se era bom ou mal, o secretário do partido comunista francês (Marchais) responde: Não sou tão bom como me julgo, nem tão mal como pareço. Convenhamos, o pensamento dialético ainda tem o seu lugar.

A todos os protagonistas desse episódio, o meu beijinho emocionado de estudante.

Referências

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BOBBIO, Norberto. *Estado, Governo, Sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas híbridas*. São Paulo: EDUSP, 1997.

HALL, Stuart. *Identidade cultural*. São Paulo: Fundação América Latina, 1987.

PRADO JÚNIOR, Caio. *Formação do Brasil contemporâneo*. São Paulo: Martins, 1942.

KRISTEVA, Júlia. *Estrangeiros para nós mesmos*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

ORLANDI, Eni P. *Análise de Discurso: princípios e procedimento*. Campinas, SP: Pontes, 2002.

SYRKIS, Alfredo. *Os carbonários: memórias da guerrilha perdida*. São Paulo: Parma Ltda., 1980.